

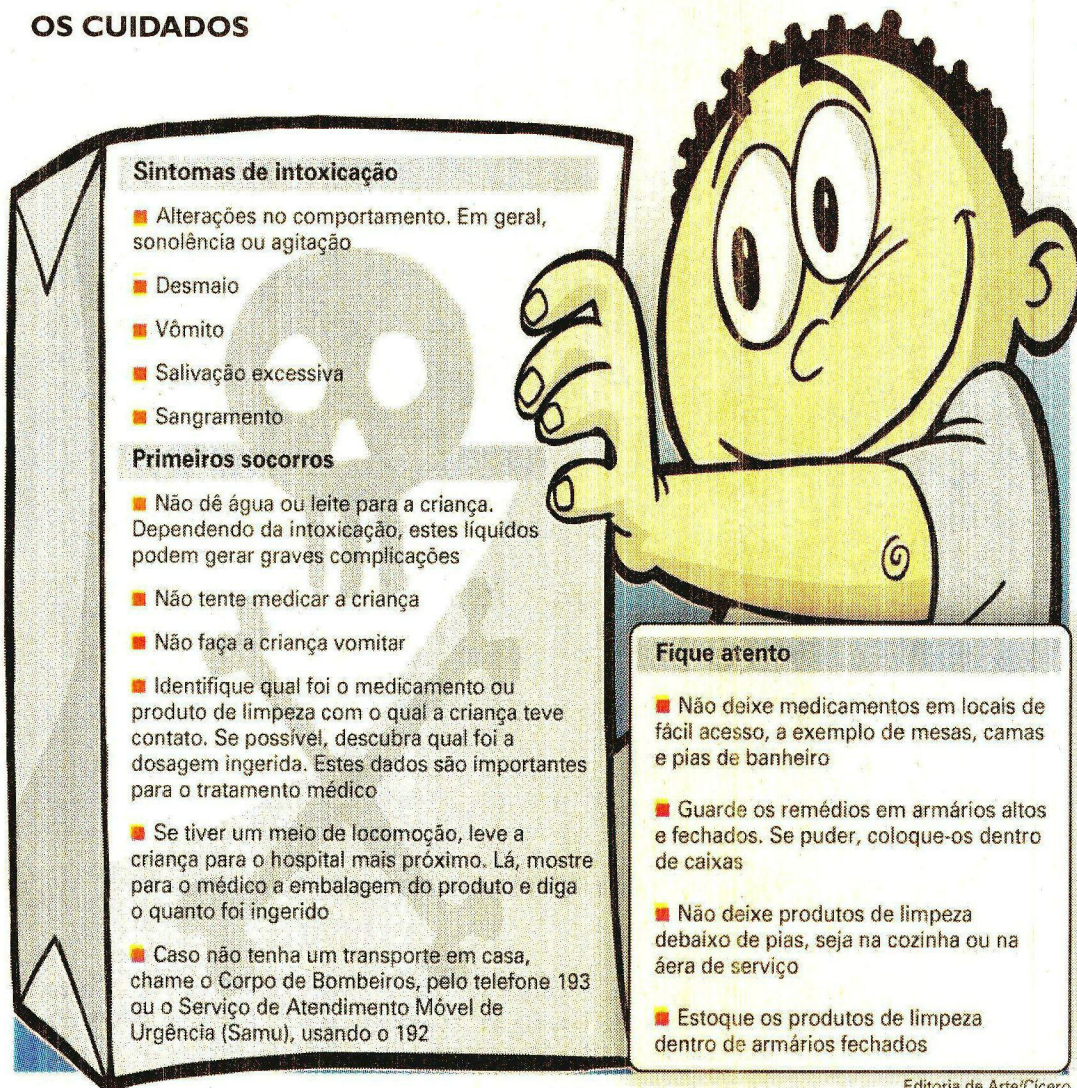
Profissionais despreparados

Profissionais da área de saúde não estão preparados para adotar os procedimentos necessários ao atendimento a pacientes vítimas de intoxicação na rede hospitalar do DF. A conclusão é de um estudo da Universidade de Brasília (UnB). O levantamento aponta que apenas 30% dos pacientes que ingeriram ou inalaram produtos tóxicos foram internados ou ficaram em observação, procedimentos recomendados nestes casos.

O estudo analisou 360 casos de intoxicação ocorridos entre 2004 e 2005. Do total, quatro pessoas morreram, o que poderia ter sido evitado se os pacientes tivessem ficado mais tempo no hospital. Os números foram levantados pela farmacêutica Fernanda Maciel Rebelo. "Durante a pesquisa, pude constatar a falta de treinamento desses profissionais. O resultado da pesquisa se estende ainda neste ano e os profissionais continuam sem saber quais os procedimentos corretos", alerta a especialista em saúde pública.

Os dados foram obtidos no Centro de Informação e Assistência Toxicológica do DF, nas guias de Atendimento de Emergência (Gaes) e nos prontuários de hospitais públicos. Outro dado alarmante é o descaso com os pacientes que tentaram suicídio com o uso de agrotóxicos. Menos de um terço desses pacientes foram encaminhados ao psiquiatra. "Sem tratamento, muitos farão novas

OS CUIDADOS



tentativas", avisa.

Além disso, a pesquisa aponta que procedimentos inadequados também estão relacionados aos exames e tratamentos realizados com os pacientes. Apenas quatro entre 141 pessoas atendidas em hospitais do DF realizaram, por exemplo, o exa-

me de enzima colinesterase plasmática, utilizado em casos de envenenamento.

Segundo a pesquisadora, a falta de preparo dos hospitais pode alterar os números de casos. Apenas 3% dos registros foram por acidente de trabalho e 97% ocorreram em casa. Os

percentuais revelam que, ou o acidente de trabalho não está ocorrendo ou não está sendo notificado. Para a farmacêutica, muitos trabalhadores intoxicados não vão ao hospital. Mas, outras vezes, não recebem o diagnóstico correto. "Existem várias formas de intoxicação. Por exemplo, os sintomas do tipo crônico não são específicos e podem ser confundidos com outras doenças."

Para reduzir o alto percentual de acidentes, Fernanda defende campanhas de conscientização sobre o uso e armazenamento dos raticidas e inseticidas.

Vítimas em potencial

As maiores vítimas de envenenamento no DF são crianças até 5 anos de idade, do sexo masculino, que se intoxicaram por acidente. Elas somam 31% dos casos registrados no DF. Adultos e jovens entre 15 e 25 anos representam 11% e são predominantemente mulheres que tentaram suicídio.

No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, cerca de 7 mil crianças são hospitalizadas por ano em decorrência de intoxicação ou envenenamento. Desse total, 71% dos pacientes chegaram a ser internados, porque foram casos graves.

Na maioria dos incidentes, as crianças geralmente ingerem "chumbinho", um raticida ilegal preparado a partir de um agrotóxico. O produto, em forma de pequenas bolas, é muitas vezes confundido com chocolates pelas crianças.

Para a farmacêutica Fernanda Maciel Rabelo, a fiscalização deveria ser intensificada por parte das vigilâncias sanitárias estaduais para evitar a venda do raticida e fazer a apreensão do produto. "Enquanto isso não é feito, os pais devem ficar atentos e colocar todos os tipos de substâncias em locais fora do alcance das crianças", alerta.

Exatamente por ocorrer mais dentro de casa, a ingestão de substâncias via oral, que representa 90%

31

POR CENTO

DOS CASOS DE
INTOXICAÇÃO
REGISTRADOS NO
DF OCORRERAM
COM CRIANÇAS
ATÉ 5 ANOS

dos casos, poderia ser evitada com práticas muito simples. Por exemplo, os adultos devem evitar que remédios e produtos sanitários fiquem debaixo das pias da cozinha ou do banheiro, locais de fácil acesso às crianças.

Além de colocá-los em lugares mais altos, a dica é tirar de perto do armário onde eles forem armazenados qualquer coisa que possa servir de "escada" para que as crianças subam, o que traria ainda o perigo de queda.

Outro erro muito comum é colocar um produto em outra embalagem que não a original. É bom ainda que os pais evitem chamar um remédio de "docinho", na tentativa de convencer a criança a tomá-lo. Dizer isso pode levar o filho a pensar que o medicamento é gostoso e inofensivo.